

Colóquio Internacional

espaço | sociedade

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

organização

Grupo de Investigação Atlas da Casa CEAU | Instituto de Sociologia FLUP

Virgílio Borges Pereira, Rui Ramos, Marta Cruz

local

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto | sala plana 14 Março 2012

Arquitectura e Ciências Sociais:

pontos de partida para uma reflexão e programa de trabalhos

Se a concepção arquitectónica do espaço decorre fundamentalmente do conhecimento da história e da teoria da arquitectura e se refere concretamente ao território físico no qual a obra se inscreve, o campo do estudo do espaço e a reflexão sobre a realidade edificada não se encerram na própria arquitectura, enquanto disciplina (corpo conceptual, objectual e metodológico) que o configura.

Com o decorrer do tempo a realidade arquitectónica é continuamente confrontada com as acções do Homem, com as suas cambiantes no modo de viver e de se organizar em sociedade, com os variados entendimentos que se fazem dos edifícios em épocas distintas e com as permanências ou mutações de noções como *belo*, *equilíbrio*, ou *singular*,... E é justamente ao incorporar esta espessura de significado que lhe é conferida pelo tempo, que a obra de arquitectura se constitui como um ponto de partida para uma compreensão mais concreta das sociedades e para a análise do território e dos espaços arquitectónicos e urbanos. Funciona como uma síntese permanentemente acrescentada, produtora de sentidos novos e simultaneamente veículo dos conceitos que estiveram na sua origem.

Assim, sobre cada objecto arquitectónico podem cruzar-se duas leituras: aquela que verticaliza o conhecimento, identificando os tempos da sua história, os elementos que o constituem, a génese da sua concepção; e aquela que estende o olhar relacionando um objecto concreto com as variantes que o mesmo programa ou a

mesma forma arquitectónica podem conhecer, tanto diacrónica como sincronicamente. Enquanto que a primeira abordagem tende a individualizar, identificando processos distintivos, rupturas ou contrastes, a segunda tende a pôr em relação, revelando as continuidades e as sequências temáticas, formais ou conceptuais.

As ciências sociais, particularmente a sociologia e a antropologia, vêm contribuir para a descodificação de parte destas dimensões temporais no estudo da arquitectura, particularmente as que se referem ao modo como o Homem e as sociedades se relacionam com o espaço construído. Neste domínio de investigação e numa formulação sintética, pode afirmar-se que a sociologia vem revelar o modo como as transformações sociais potenciam outros modos de relação com as estruturas físicas da sociedade, enquanto que a antropologia esclarece sobre as grandes permanências na relação do Homem com o seu ambiente natural e construído. As duas disciplinas, inscrevendo o estudo do espaço na problemática do poder, relevam, a partir de diferentes paradigmas, o carácter socialmente construído do espaço e sublinham a pertinência de uma abordagem estrutural e relacional da respectiva produção e uso. Ao abrigo de ajustamentos sucessivos, ainda que nem sempre lineares, a história da análise socioantropológica do espaço identifica a estabilização de procedimentos teóricos e metodológicos específicos que permitem balizar heurísticamente o estudo comparativo e etnograficamente informado da relação material e simbólica entre espaço físico e agentes sociais.

Sendo certo que o acesso à investigação realizada nestas áreas disciplinares sobre os espaços arquitectónicos permite o alargamento do conhecimento sobre a arquitectura e a realidade construída, tornando-o mais amplo, diverso e heterogéneo; é também importante salientar que o diálogo entre a arquitectura e as ciências sociais permite sobretudo a identificação de problemáticas novas, decorrentes das abordagens que a arquitectura suscita e convoca nas outras disciplinas, contribuindo para um aprofundamento progressivo das questões de trabalho em cada um dos respectivos campos.

Podemos agora interrogarmo-nos como vamos além do nosso campo disciplinar, como caminhamos em searas que não são as nossas, ou até que ponto estamos dispostos a passar essa fronteira, onde sentimos a estranha dureza da outra narrativa. Mas também sabemos que só "na permuta se poderão pensar os

pensamento dos outros; o que, porém, é bem diferente de se cair na ilusão de se dever pensar como os outros, pois isso seria o advento do reino da in-diferença."¹

Fazendo apelo à experiência de várias gerações de investigadores provenientes de contextos nacionais diferenciados, este colóquio tem como objectivo recuperar a história e os operadores (conceptuais e/ou metodológicos) das relações disciplinares aqui envolvidas, num momento em que a velocidade das transformações sociais e tecnológicas requer uma atenção acrescida em relação aos grandes referentes do Homem e um olhar selectivo perante o que se afigura como novo, de modo a captar, como nos diz Françoise Choay, "por detrás da sincronia brilhante e acelerada do saber, a sincronia secreta e lenta das grandes estruturas da vida, do inconsciente e das culturas"².

Virgílio Borges Pereira, Rui Ramos, Marta Cruz

1 CATROGA, Fernando (2006) Entre Deuses e Césares. Secularização, laicidade e religião civil: Uma perspectiva histórica, Coimbra, Almedina.

2 CHOAY, Françoise (1971) Postface in La dimension cachée. Paris, Seuil. Tradução livre da versão francesa.